



José Esteves Pereira
O essencial sobre
SILVESTRE PINHEIRO
FERREIRA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

I

BIOGRAFIA

Silvestre Pinheiro Ferreira nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1769, filho de «fabricantes» de seda da Manufatura do Rato. Estudou na Congregação do Oratório, na casa de Nossa Senhora das Necessidades, com destino à carreira eclesiástica, que decidiu abandonar em 1791.

Dá aulas de Filosofia Racional e Moral no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, a partir de 1794. Pensador de espírito independente e aberto a novas concepções gnosiológicas, de raiz sensualista e empirista, com algum pendor para a restituição de Aristóteles, de quem traduziu, directamente do grego, as *Categorias*, vê-se envolvido em equívocos próprios de uma época agitada no meio académico coimbrão. É feita uma busca à sua

residência por ocasião de uma ida a Lisboa. A inesperada devassa interessou o reitor, o principal Castro (D. Francisco Rafael de Castro, 1750-1816), então na Corte, que lhe prestou apoio reforçado, por recomendação do abade Correia da Serra (José Francisco Correia da Serra, 1750-1823). Pinheiro Ferreira vem, então, a desempenhar funções diplomáticas como secretário da Legação da Haia, estreitamente ligado à actuação de António de Araújo e Azevedo (1754-1817), futuro conde da Barca, a quem acompanha numa viagem de observação cultural e política, pela Europa, entre o Outono de 1798 e os finais de 1799. Fez parte desse *grand tour*, também, o morgado de Mateus (1758-1825). S. P. F. aprofunda os seus conhecimentos da realidade europeia, na época final do *Stürm und Drang*, e no momento em que a emigração aristocrática francesa tem papel de relevo. Voltará a Berlim, em 1802, na qualidade de encarregado de Negócios. A experiência diplomática irá motivá-lo, aliás, ao longo da vida, para uma fecunda reflexão e teorização de direito internacional e prática diplomática. Casa-se com Dorotheia von Leitholdt, que, para efeito do consórcio, abjurou da confissão lu-

terana. Demitido em 1804, permanece na capital prussiana e faz algumas viagens de carácter semi-diplomático. Assiste, em Berlim, a prelecções de Fichte e Schelling e frequenta, aplicadamente, os cursos dos filósofos naturalistas Karstens (1803-1804) e Werner (1804-1805).

Com a aproximação dos exércitos napoleónicos, sobretudo depois da batalha de Friedland, em 14 de Junho de 1807, e do Tratado de Tilsit, em 7 de Julho desse mesmo ano, vê-se obrigado a abandonar Berlim, de imediato, na altura em que Napoleão ficava mais livre para se voltar para o Ocidente Europeu e para enfrentar a Inglaterra. Dirigindo-se à corte portuguesa no Brasil, os primeiros tempos não são fáceis, nem para si nem para a sua família, e era menor, também, a possibilidade de apoio por parte do seu protector António de Araújo e Azevedo, ofuscado pela preponderância política de D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

A partir de 1813, no Rio de Janeiro, S. P. F. inicia um curso de filosofia que foi publicando na Imprensa Régia, intitulado *Prelecções Filosóficas sobre a Teoria do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia*, e, no ano

seguinte, em resposta a um pedido de conselho do Príncipe Regente, endereçado também ao conde de Palmela, nas vésperas da elevação do Brasil a Reino Unido ao de Portugal, preconiza reformas que, no seu entender, poderiam sustentar a eclosão de revoluções liberais, de teor mais radical. O seu parecer transparece nas *Memórias Políticas sobre os Abusos Gerais e Modo de os Reformar e Prevenir a Revolução Popular*. Tratava-se de um projecto que pretendia dar novo rumo ao absolutismo reformista em definitiva crise. Na sequência do movimento de 26 de Fevereiro de 1821, é chamado a exercer funções de ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, e será nessa qualidade que acompanha D. João VI a Lisboa, a fim de jurar as bases da Constituição. Em 4 de Julho de 1821, lê o discurso do rei, um texto que, com toda a probabilidade, redigira, ou, pelo menos, esboçara, e que motiva protestos de uma parte significativa dos constituintes, atendendo ao papel excessivamente interventivo que era atribuído ao rei. No entanto, depois de curto interregno, o ministro de D. João VI assumirá o Ministério dos Negócios Estrangeiros do governo do Vintismo até ao seu termo.

ÍNDICE

I — Biografia	3
II — Ideias filosóficas	9
III — Ideias políticas	31
IV — Ideias sociais	49
V — Ideias económicas	55
VI — A obra	75
 Bibliografia breve sobre Silvestre Pinheiro Fer- reira	 87